

**Funções da construção ‘é que’ no Português de Timor:
Para conhecimento das características linguísticas
da(s) língua(s) materna(s) (L1) dos aprendentes do Português LNM**

Hanna J. Batoréo

Universidade Aberta, Lisboa

Abstract

In the present study the polysemous Portuguese construction ‘é que’ is approached through its different syntactic functions (cf. Mateus *et al.*, 2003). The study focuses on specific uses of ‘é que’ that occur in the Portuguese written corpus of Timorese speakers of European Portuguese as L2 (cf. Batoréo, 2006). Some of them seem to be due to specific constructions typical of Austronesian languages but functionally different from the ones used in standard European Portuguese. Following our previous study of the polysemous marker ‘já’ (Batoréo 2010b) it is claimed that some of the Timorese L2 Portuguese production can be understood better and analysed only if the mother tongue(s) of East Timorese speakers are taken into consideration.

Keywords: Portuguese construction ‘é que’, polysemy, Portuguese in East Timor, acquisition and learning processes of Portuguese as a foreign language.

Palavras-chave: Construção ‘é que’, polissemia, Português de Timor-Leste, aquisição/aprendizagem de Português língua não materna (PLNM¹).

1. Problema

Passados quase dez anos sobre a independência de Timor-Leste, muito pouco se tem escrito no âmbito de Linguística sobre o Português falado pelos timorenses, embora, nos últimos anos, a especificidade da situação vivida naquele país tenha sido objecto de várias abordagens linguísticas (cf. p. ex., Batoréo, 2005 e seguintes; Santos, 2009, entre outros).

¹ Entendemos, no contexto do presente estudo, que *Português Língua Não Materna (PLNM)* é equivalente a *Português L2 (Língua Segunda/ Estrangeira)* e utilizamos estes termos alternadamente.

Na sequência do trabalho anterior (Batoréo 2010b), dedicado ao estudo das características do marcador 'já' no discurso timorense, propomo-nos, na presente proposta, abordar a construção portuguesa polissémica 'é que', que surge frequentemente no *corpus* timorense por nós utilizado. Trata-se de um vasto *corpus* escrito de timorenses produzido entre 2004 e 2005 e por nós reunido em 2006 (cf. Batoréo, 2006), que abrange sobretudo produções escritas livres de quase cinquenta falantes de Português L2, de meia-idade, tanto mulheres como homens, com um bom domínio do Português e professores da Língua Portuguesa em Díli. O *corpus* abrange vários *sub-corpora* dedicados a temas muito variados como, por exemplo, *História da minha família*, uma lenda tradicional timorense (*Saída do paraíso*), *O ensino da Língua Portuguesa em Timor* e *Os problemas com a Língua Portuguesa*.

Embora fluente, a produção escrita timorense por nós reunida apresenta algumas incorrecções típicas dos aprendentes do Português LNM, tais como, por exemplo, a ordem dos constituintes, concordâncias morfológicas, o emprego do modo conjuntivo, o emprego correcto dos tempos verbais, etc.² Estas características, que surgem frequentemente no discurso do falante não-nativo de Português independentemente da sua origem (cf., por exemplo, Leiria 2007 e Dias 2008), não nos merecerão, aqui, particular atenção.

Tendo por objectivo uma melhor compreensão e caracterização do Português falado hoje em dia no Timor-Leste independente, focaremos, no presente estudo, o nosso interesse no emprego de algumas *especificidades* dos falantes timorenses que talvez, em certos contextos, possam não vir a ser classificadas como erros, mas que dificilmente seriam aceites como uma produção textual portuguesa típica, conforme atestado pelos falantes nativos do Português Europeu³. Estas *especificidades* de uso timorense, centradas no emprego da construção 'é que' e com, pelo menos, questionável *aceitabilidade*, que podem ser observadas com frequência⁴ sobretudo em alguns dos falantes, constituem o objecto da nossa análise, tal como exemplificado em (1) e (2).

² Alguns destes problemas podem ser observados nos exemplos (1) – (2) e, depois, (8) a (10) do discurso timorense mais à frente.

³ Agradecemos a dois falantes do Português Europeu e professores de Língua Portuguesa a leitura atenta do *corpus* na mira da avaliação da aceitabilidade dos enunciados timorenses produzidos com 'é que'. Agradecemos, igualmente, as sugestões construtivas dos revisores da primeira versão do presente texto.

⁴ Tendo em consideração os objectivos do presente estudo, os quatro exemplos a seguir apresentados são meramente ilustrativos da totalidade dos tipos encontrados no *corpus* escrito recolhido. Naturalmente, será de todo o interesse aprofundar esta linha de investigação no futuro, ampliando o acervo de exemplos analisado, bem como as linhas de análise teórica a ele aplicado. Assim, é de notar que o presente trabalho não tem por objectivo um estudo formal de carácter sintáctico. Os factos linguísticos por nós, aqui, descritos e analisados poderão, naturalmente, vir a ser estudados mais formalmente por especialistas do âmbito da sintaxe e em função dos objectivos especificamente sintácticos por eles tidos em conta.

- (1) *Quais são os seus problemas da Língua Portuguesa é que tem? Os meus problemas a relação a Língua Portuguesa é que tenho (...)* [LP 20]
PE: *Quais (é que) são os problemas que tem na Língua Portuguesa? Em relação à Língua Portuguesa, os problemas que tenho (...).*⁵

- (2) (...) *Porque a língua oficial é que usamos é a língua Indonésia.* [LP 20]
PE: (...) *Porque a língua oficial que usamos é a Língua Indonésia.*

Num primeiro momento do nosso estudo (secção 2), procuraremos caracterizar sucintamente a construção polissémica ‘*é que*’ do Português Europeu (cf. Mateus *et al.* 2003), dando um destaque especial às dificuldades que a sua aprendizagem pode trazer aos falantes PLNM, para, no segundo momento (secção 3), focar e caracterizar a correspondente especificidade timorense. Na última parte do nosso estudo (secção 4), avançaremos uma proposta de análise da questão apresentada, tendo em consideração não só a caracterização da língua-alvo em aprendizagem pelos falantes timorenses (isto é, o Português), mas também as características linguísticas da(s) sua(s) língua(s) materna(s) e/ou outras línguas por eles conhecidas⁶.

2. Características da construção ‘*é que*’ em Português Europeu

Desconhecem-se, até à data, quer estudos dedicados à análise global do uso da construção polissémica ‘*é que*’ em Português Europeu quer abordagens pragmáticas dos respectivos empregos. Os estudos existentes dizem respeito a tipos específicos de construções sintáticas com ‘*é que*’, sendo elas abordadas separadamente no âmbito da descrição sintática de diferentes tipos de frases ou construções. O estudo clássico, nesta área, é de Casteleiro (1979) e diz respeito apenas a construções enfáticas de clivagem. Outros estudos, desenvolvidos na Gramática Generativa, abordam as construções ‘*é que*’ no âmbito das interrogativas (cf. Âmbar 1992) ou da topicalização (cf. Duarte 1987). Esta distinção sintática das referidas construções reflecte-se, posteriormente, na *Gramática da Língua Portuguesa* (Mateus *et al.* 2003), apresentando-as também em capítulos dedicados a diferentes construções sintáticas

Segundo Mateus *et al.* (2003), existem três tipos de construções diferentes (cf. exemplos 3, 4 e 5, em baixo). Estas construções são descritas na gramática portuguesa como: (i) interrogativas (cf. 2003: 471-472), conforme ilustrado no exemplo 3, (ii) exclamativas (cf. 2003: 479-480), no exemplo 4, e (iii) pseudo-clivadas (utilizadas enfaticamente) (cf. 2003: 685, 688-691), apresentadas em (5) e (6).

- (3) (a) *Onde (é que) estuda o João?*
(b) *Onde é que o João estuda?*

⁵ Na transcrição dos textos timorenses, manteremos a grafia original.

⁶ Agradecemos a Aurora Donzelli uma primeira discussão sobre o tema em destaque.

(c) * *Onde o João estuda?*

(4) *Isto é que tu querias!!*

- (5) (a) *O livro é que a Joana leu.*
(b) *A Joana é que leu o livro.*
(c) *É o livro que a Joana leu.*
(d) *Foi a Joana que leu o livro.*

As construções de clivagem, em (5), apresentam uma complexidade sintáctica maior do que nas outras construções (3 e 4), evidenciando que, neste caso, não se pode falar de uma forma indissociável ‘*é que*’, que funciona como um único bloco; pelo contrário, trata-se de uma construção composta por dois (ou três) elementos: «‘*ser*’ + ‘*pronome*’ + ‘*que*’», com concordância a nível do verbo e do pronome, e que podem ser deslocados na frase em função da ênfase pretendida, conforme ilustrado no exemplo 6, em baixo (ex. 1, em: Mateus *et al.* 2003: 685). Do ponto de vista dos falantes PLNM e dada a complexidade sintáctico-semântica das construções de clivagem, é de esperar que surjam dificuldades, mesmo a nível muito avançado de aprendizagem.

- (6) (a) *Foi o queijo o que o corvo comeu.*
(b) *Foi o queijo que o corvo comeu.*
(c) *O que o corvo comeu foi o queijo.*
(d) *O queijo foi o que o corvo comeu.*
(e) *O queijo é que o corvo comeu.*
(f) *É o queijo que o corvo comeu.*
(g) *O corvo comeu foi o queijo.*

Do ponto de vista discursivo⁷, as construções ‘*é que*’ mais frequentes ocorrem a nível das interrogativas (emprego obrigatório e opcional) e/ou enfáticas (de sujeito ou de complementos), conforme ilustrado pelos exemplos em (7).

- (7) (a) “*por que é que tu não há-de deixar que as tuas filhas fumem?*”
(PF, C1379 pi-casa e família)
(b) “*para isso é que o senhor tem um alvarazinho para andar com o táxi, não é verdade?*” (PF, A475 pi-casa e família)
(c) “*o que é que estás aqui a fazer?*”
(d) “*com quem é que vens?*” (PF, C866 pi-vida pessoal)

⁷ Dada a especificidade do nosso estudo orientado para o PLNM, que não nos permite, neste momento, desenvolver mais o tema, segue apenas um pequeno apontamento sobre o emprego discursivo da construção em causa, com os exemplos provenientes, na sua maioria, do *Português Fundamental* (Nascimento *et al.* 1984/1987), conforme indicado entre parênteses (PF).

- (e) “a mãe é que tem a culpa” (PF, A390 pi-casa e família)
- (f) “o que é que aconteceu?” (PF, A475 pi-casa e família)
- (g) “pode ser é que a outra pessoa desista do casaco” (PF, C294 pi-casa e família)

É importante sublinhar uma dificuldade que se prende com a aprendizagem da construção ‘*é que*’ pelos falantes PLNM. Do ponto de vista pragmático, trata-se de uma construção que pode ser empregada quer obrigatória quer opcionalmente (cf. exemplos em 3), dependendo o seu emprego opcional (e, conseqüentemente, a sua frequência) de características discursivas e, especialmente, do tipo do registo utilizado pelo falante: oral ou escrito. Esta especificidade traz naturalmente uma dificuldade acrescida aos aprendentes de Português Língua Não-Materna. Os falantes PLNM precisam não só de aprender as regras sintáctico-semânticas que regem o funcionamento de cada uma das construções, mas necessitam, também, de controlar a distinção entre o registo oral e o escrito que licenciam os respectivos usos.

A seguir, na secção 3, procuraremos abordar a especificidades dos usos timorenses de ‘*é que*’, em função da tipologia proposta para o Português Europeu padrão em Mateus *et al.* (2003), sumariamente apresentada acima.

3. Os dados do *corpus* timorense: análise e discussão

Tal como foi indicado na secção 1, o *corpus* por nós reunido (cf. Batoréo, 2006) é composto por vários *subcorpora*, todos eles de carácter escrito. Uma análise global do material reunido permite-nos constatar que os seus autores, embora trabalhem como professores de Língua Portuguesa em Timor, não distinguem as especificidades discursivas entre o registo oral e escrito, o que pode ser explicado pela pouca tradição escrita da sua cultura. Os textos escritos apresentam várias marcas da oralidade, sendo uma delas o uso de ‘*é que*’, tal como pode ser comprovado pelos exemplos (8) a (10), em baixo. A referida construção aparece com frequência, destacando-se sobretudo em certos falantes (cf. falante LP 20), mas também aparecendo em outros (cf. LP 12)⁸.

(8) = (1) *Quais são os seus problemas da Língua Portuguesa é que tem? Os meus problemas a relação a Língua Portuguesa é que tenho (...)* [LP 20]

PE: *Quais (é que) são os problemas que tem na Língua Portuguesa? Em relação à Língua Portuguesa, os problemas que tenho (...).*

(9) = (2) (...) *Porque a língua oficial é que usamos é a língua Indonésia.* [LP

⁸ Por conseguinte, consideramos que o emprego de ‘*é que*’ ilustrado nos exemplos apresentados não diz respeito apenas a um uso idiosincrático isolado, mas constitui um fenómeno corrente.

20]

PE: (...) Porque a língua oficial que usamos é a Língua Indonésia.

(10) Para os alunos compreenderem melhor a língua portuguesa é utilizar as Regras Gramaticais, porque com essas regras é que eles podem saber da pronúncia das letras, como o Alfabeto Português que 23 letras e depois é que vão até os Verbos e os Nomes. [LP 12]

PE: Para os alunos compreenderem melhor a língua portuguesa, é preciso utilizar as regras gramaticais, porque com estas regras (é que) eles podem aprender a pronúncia das letras (o alfabeto português tem 23 letras) e depois (é que) podem seguir para os verbos e os nomes.

O emprego de 'é que' observado nos contextos (8) – (10) acima apresenta as seguintes características:

- (i) Emprego das marcas da oralidade no texto escrito, o que demonstra a falta de consciência de funcionamento diferenciado dos dois registos;
- (ii) Sensibilidade para o emprego de 'é que' numa interrogativa e/ou numa construção enfática, mesmo que esta sensibilidade não se traduza num emprego correcto do ponto de vista do PE padrão;
- (iii) Não controlo das restrições sintácticas das respectivas construções, o que traz dificuldade na análise dos usos timorenses segundo a tipologia existente para o PE padrão (cf. secção 2);
- (iv) Tratamento de 'é que' como uma partícula indivisível e não como uma construção sintáctica de dois/três elementos móveis a nível da frase (cf. ex. 6)
- (v) Surgimento de 'é que' em vez de construção relativa marcada com 'que' (cf. ex. (8) e (9)), o que aponta para certa sobreposição entre as duas construções. Esta sobreposição pode ser explicada, pelo menos em parte, quer pela inexistência do verbo 'ser' em algumas das línguas faladas pelos timorenses, como observado em Tétum, (na colocação de 'que' em vez de 'é que') quer pela estratégia de ultracorreção apresentada pelos falantes PLNM avançados (quando 'é que' é utilizado em vez da relativa com 'que').

As características acima observadas em (i) a (v) permitem-nos constatar que os usos de *é que* apresentados pelos falantes timorenses de PLNM são feitos em contextos que não coincidem com os que estão disponíveis para os falantes nativos do PE padrão, o que nos leva a afirmar que se trata de uma especificidade do Português usado pelos timorenses. Estes usos divergem visivelmente das construções caracterizadas como standard no Português Europeu (cf. apresentação na secção 2), embora, neste caso, se trate de falantes fluentes em Português que apresentam alguma sensibilidade para emprego de 'é que', sobretudo em contextos de focalização/ destaque/ ênfase discursiva.

A seguir, na secção 4, procuraremos explicar a especificidade do uso de ‘*é que*’ pelos falantes timorenses observada nos contextos acima apresentados.

4. Proposta de análise de empregos timorenses de ‘*é que*’

A observação do uso de ‘*é que*’ no *corpus* da produção linguística em Português LNM dos timorenses falantes nativos de Tétum e outras línguas de Timor (cf. Batoréo 2010a e b e Batoréo & Casadinho 2009), abordada na secção anterior, permitiu-nos constatar, em termos globais, que (i) se trata de um emprego corrente na produção verbal dos timorenses; (ii) que a sua função parece não corresponder linearmente a nenhuma das funções tradicionalmente reconhecidas na gramática portuguesa; e que (iii) ‘*é que*’ surge como um bloco indissociável, por vezes, reduzido ao ‘*que*’, sobrepondo-se às construções relativas.

A questão que se levanta, por conseguinte, é como analisar e explicar estes usos muito particulares, se a informação gramatical fornecida ao nível *intralinguístico* no âmbito da língua2, isto é, o Português, conforme caracterizado na secção 2, e tal como evidenciado na secção 3, é visivelmente insuficiente.

Em Batoréo (2010b), a observação pormenorizada dos diferentes empregos do marcador ‘*já*’ no discurso timorense levou-nos a defender, para a referida análise, os conhecimentos de línguas austronésias faladas pelos timorenses, o que abrange não só a língua veicular Tétum-Praça ou outras línguas locais, mas também p. ex., o Indonésio, idioma em que os falantes timorenses foram (parcialmente) formados e escolarizados. Em comparação com as outras variantes de Tétum, o Tétum-Praça é considerado por vários autores como uma língua crioualizada (cf. Thomaz 2002, Hajek *et al.* 2002 e Hull & Eccles 2005), o que significa que este idioma perdeu a sua morfologia, excepto alguns aspectos fossilizados no âmbito da derivação de palavras. Em vez de utilizar os meios morfológicos a nível da flexão, o Tétum-Praça substituiu-os por marcadores de funções variadas - tradicionalmente denominados partículas - e, pontualmente, pela sintaxe (p. ex., pela ordem linear dos constituintes, construções analíticas do tipo perifrástico, etc.).

Na sequência da nossa análise, as partículas multifuncionais austronésias parecem servir também de chave para se poder entender os empregos específicos de ‘*é que*’ timorense no discurso produzido em Português L2, dado sobretudo o seu uso indivisível que o assemelha mais a uma partícula do que a uma construção de carácter sintáctico.

A nossa análise será desenvolvida com base em Tétum, a língua austronésia que é uma das línguas locais em Timor-Leste (na versão de Tétum-Terique ou Tétum-Belo), sendo a sua variante mais crioualizada (ver em cima), o Tétum Praça, a língua franca de praticamente todo o país.

A ordem canónica em Tétum é SVO, tal como demonstrado por Hajek & Tilman (2008: 23) e ilustrado em (11). A focalização com a respectiva ênfase é efectuada com o emprego da partícula ‘*mak(a)*’ (cf. ex. 12), colocada antes do verbo na construção SVO: sujeito em ênfase + ‘*maka*’ + verbo, mesmo que, originalmente, o Sujeito da frase enfática corresponda ao Objecto da frase de origem, conforme pode ser observado nas

frases (11) e (12):

- (11) *Hau haré Maria.*
Eu ver Maria
PE: *Vejo a Maria.*
- (12) *Maria mak hau haré.*
Maria ENF eu ver
PE: *É a Maria que vejo* ou
A Maria é que vejo/ A Maria (é) (que) (é) vista por mim.

Nas gramáticas e manuais de Tétum consultados (cf. Bibliografia), o marcador ‘*mak(a)*’, ilustrado em (13), é tratado como um *marcador contrastante* ou de *polaridade positiva* que antecede o verbo (p. ex., Hull & Eccles 2005: 97 e ss.). No Tétum-terik, o marcador ‘*maka*’ costuma ser substituído por ‘*há’e*’ (Hull 2003: 13).

- (13) *Uluk Portugés sira mak ukun rai-Timor*
Antes de tudo Português eles ENF governar terra Timor
PE: *No passado, foram os portugueses que governaram Timor.*

Quanto ao uso específico do referido marcador, Hull e Eccles (2005) sublinham a seguinte especificidade:

Há algumas situações em que o uso de ‘maka’ é obrigatório depois do primeiro elemento da frase: se o predicado de uma frase equativa contém um substantivo definido ou um pronome pessoal ou se o primeiro elemento da frase é uma palavra interrogativa (...). O primeiro elemento numa frase condicional também pode ser seguido ou precedido por ‘maka’ (...). (2005: 99 e 44, 109).

Observe-se, por conseguinte, o uso do marcador ‘*maka*’ em frases interrogativas, nas quais aparece a focalização da informação dada (Hull & Eccles 2005: 98), ilustrado em (14) – (17). Muito especialmente, a expressão ‘*maka ne’e*’ significa *isto mesmo* ou *aqui está*”, focalizando e enfatizando a informação dada, tal como demonstram os exemplos (18) e (19).

- (14) *Ha’u maka doutor.*
PE: *Eu é que sou o médico.*
- (15) *Dili maka kapitál Timór Lorosa’e.*
PE: *É Dili que é a capital de Timor Lorosae.*
- (16) *Nia mak Alexandra Soares ka?*
PE: *Ela (é que) é a Alexandra Soares, não é?*

- (17) *Manu oin hira mak nia hakiak.*
 Ave quantos INTER ele criar
 PE: *Quantos tipos de aves é que ele cria?*
- (18) *Ita lori saida mai? Maka ne'e.*
O que trouxe o senhor? Isto (mesmo).
- (19) *Xeke maka ne'e.*
Aqui mesmo está o cheque/ É aqui que está o cheque..

Alguns autores (cf. Hull & Eccles 2005: 98 e Williams-van Klinken 2002:163) destacam os *usos das relativas de carácter formuláico*, conforme esquematizado em (20) – (21) e análogo ao coloquial (22):

- (20) (X) mak hau respeita.
 PE: (X) a quem respeito
- (21) (X) mak hau hadomi.
 PE: (X) a quem amo.
- (22) *Senyór* (X) mak hau respeita.
 PE: *O senhor* (X) *que eu respeito.*

Estas construções relativas dos exemplos (20) – (22) do tipo ‘X a quem respeito/amo’ marcadas com ‘mak’ podem ser interpretadas, igualmente, como focalizações enfáticas do tipo ‘É o X a quem respeito/amo’, o que nos permite perceber que o mesmo tipo de construção é entendido pelo falante de Tétum como uma construção relativa fixa e, simultaneamente, como uma focalização enfática (Hajek, Williams-van Klinken Nordlinger 2002: 175) sublinha que a variante mais frequente de ‘mak’ é ‘nabee mak’, quando se pretende destacar na construção relativa a pertinência da informação dada:

About a quarter of relative clauses in fact start with nabee mak, as in the following examples. Mak here appears to indicate that the speaker is presenting the information in the relative clause as it is ‘known’ information – that is, as if such a grouping is something that the listener is already aware of.

- (23) *Sira buka ema nabee mak bele hanorin*
 Eles procurar pessoa REL ENF poder ensinar
 Ingl. *They are looking for those people who can teach.*
 PE: *Procuram quem possa ensinar.*

Com base nos dados acima apresentados, podemos concluir que o marcador ‘maka’ (com as suas variantes) de Tétum-Praça é uma *partícula indivisível* cujo papel é:

- (i) marcar as *interrogativas*; (ii) marcar a *informação dada*, pondo-a em *destaque/foco*;
(iii) marcar a *ênfase*; (iv) marcar o *destaque nas relativas/ as relativas*.

Se compararmos os usos de ‘*maka*’, acima exemplificados em (11) – (23), e os empregos de ‘*é que*’ pelos falantes timorenses PLNM, em (8) – (10), caracterizados em (i) - (v) da secção 3, verificaremos que se trata de processos convergentes: os falantes PLNM analisam o emprego de ‘*é que*’ pelo prisma da sua língua, utilizando-o como uma partícula indissociável colocada na posição pré-verbal que marca *foco/ destaque/ ênfase* e, frequentemente, a construção relativa.

Por conseguinte, parece pertinente postular a necessidade do conhecimento da especificidade do marcador ‘*maka*’ em Tétum e das divergências e convergências que existem entre ele e *construção ‘é que’* em PE pelos professores PLNM e linguistas.

Na sequência do exposto, parece reforçada a proposta apresentada em Batoréo (2010b) da necessidade do conhecimento das características linguísticas das línguas maternas⁹ dos falantes PLNM pelos que ensinam a Língua Portuguesa. Esta necessidade passa, obrigatoriamente, pela elaboração de estratégias de explicitação de uso no ensino do PLNM.

Conclusões

No nosso estudo, apresentámos uma análise interlinguística Português-Tétum do marcador ‘*é que*’ no discurso timorense.

O Tétum-Praça, o idioma veicular de Timor-Leste, é descrito por muitos autores (cf. Thomaz 2002, Hajek *et al.* 2002 e Hull & Eccles 2005) como uma língua criouliizada, que perdeu quase toda a sua morfologia, substituindo-a quer por partículas – marcadores polifuncionais e polissémicos – quer pela sintaxe (i. e., por exemplo, pela ordem de palavras). O nosso estudo parece sustentar esta tese com base na análise dos usos das construções do tipo ‘*é que*’ pelos falantes timorenses, demonstrando que, neste caso, se trata de uma especificidade dos falantes multilingues do Tétum – como (uma das suas) LMs – e do PLNM. Estes usos não coincidem com as construções sintáticas ‘*é que*’ consideradas standard no PE (cf. Mateus *et al.* 2003, apresentadas sumariamente na secção 2), mesmo que algumas possam aparentemente parecer convergentes com a distribuição encontrada no PE (cf. ‘*porque com essas regras é que eles podem saber da pronúncia das letras*’ ou ‘*e depois é que vão até os Verbos e os Nomes*’).

Considerámos o uso timorense analisado não como sintáctico (conforme o observado no PE padrão), mas sobretudo como discursivo, licenciado por uma partícula indivisível ‘*é que*’ com funções de um marcador com carácter semântico (ênfase) e/ou sintáctico (relativas e interrogativas). Assim, o peso da análise passa do nível sintáctico

⁹ No futuro, era importante que a proposta de análise por nós aqui apresentada e referente a Tétum fosse alargada para outras línguas faladas em Timor-Leste (cf. Hulol 1998, Bowden 2003), muitas vezes menos conhecidas fora do território de TL do que Tétum, bem como fracamente documentadas a nível de gramáticas, manuais ou outras fontes escritas.

proposto para as construções portuguesas standard para o nível pragmático de um marcador polissémico e polifuncional timorense, típico das línguas austronésias.

O não domínio das construções sintáticas portuguesas standard do tipo ‘*é que*’ no discurso timorense de falantes avançados de PLNM e o seu emprego sobretudo enfático e sobreposto ao das relativas levou-nos a optar por uma *análise interlinguística* Tétum–Português. Surge, assim, reforçada a proposta de análise anteriormente apresentada em Hajek *et al.* 2002 e 2008, bem como em Batoréo 2009 e 2010 (a, b) e Santos 2008, que aponta para a necessidade de conhecimento das *características linguísticas* da(s) LM(s) (mas não obrigatoriamente das respectivas *línguas*) pelos aprendentes do P LNM.

A proposta de análise apresentada parece ser pertinente não só para a interpretação dos dados produzidos pelos falantes em causa, mas, sobretudo, para a produção de materiais e elaboração de estratégias linguística e pedagogicamente viáveis no ensino do Português LNM. A proposta parece igualmente pertinente a nível da caracterização linguística da variante do Português falada em Timor-Leste.

Referências

- Âmbar, Manuela (1992) *Para uma Sintaxe de Inversão Sujeito Verbo em Português*, Dissertação de Doutoramento, Lisboa: Edições Colibri.
- Batoréo, Hanna Jakubowicz (2005) Conceptual-Affective Patterns in Narrative Discourse: a Window on Universal and Language Particular Learning Mechanisms? In: Bokus, B. (ed.) *Studies in the Psychology of Child Language - Papers in Honour of G.W. Shugar*, Warszawa: Matrix, 329-346.
- Batoréo, Hanna Jakubowicz (2006) Expressão de emoções e discurso: Aspectos de estratégias linguísticas de avaliação em narrativas produzidas por falantes não nativos do Português Europeu. In: *Textos seleccionados do XXI Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*, Lisboa: APL, 219-230.
- Batoréo, Hanna Jakubowicz (2007) Enquadramento Cognitivo para a Estrutura Narrativa: uma Proposta de Olhar para a Narrativa a partir da Perspectiva da Linguística Cognitiva de Leonard Talmy. *Veredas*, Revista da Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, Brasil: Editora da UFRJ, V. 10, nº 01 e 02 – Jan/Dez 2006, 21-32.
http://www.revistaveredas.ufjf.br/volumes/veredas_portugal/artigo02.pdf
- Batoréo, Hanna Jakubowicz (2009) De que forma o ensino de Português se deve adaptar às diferentes realidades nacionais? O caso de Timor. *Estudos Linguísticos/Linguistic Studies*, nº 3, Lisboa: CLUNL, FCSH-UNL, Outono 2009.
- Batoréo, Hanna Jakubowicz (2010a) Ensinar Português no Enquadramento Poliglóstico de Timor-Leste. *Palavras*, Lisboa: Associação de Professores de Português, Primavera de 2010, 55-65.
- Batoréo, Hanna Jakubowicz (2010b) “Funções do marcador polissémico ‘já’ no Português de Timor-Leste: Importância do conhecimento da(s) línguas(s) materna(s) dos aprendentes do Português L2 no processo da aquisição/aprendizagem da língua não-materna”, in: *Textos seleccionados do XXV Encontro Nacional da APL.*,

- Lisboa: APL, 211-224.
- Batoréo, Hanna Jakubowicz e Margarida Casadinho (2009) O Português – uma língua pluricêntrica: O Caso de Timor-Leste. *Revista Portuguesa de Humanidades, Estudos Linguísticos*, 13 – 1, Braga: Universidade Católica Portuguesa, 63-79.
- Bowden, John (2003) Lóvaia: an East Timorese language on the verge of extinction. In *International Journal of the Sociology of Language*, 155-167.
- Casteleiro, João Malaca (1979) Sintaxe e Semântica com Construções Enfáticas com ‘é que’. *Boletim de Filologia*, XXV: 97-166.
- Dias, Helena Bárbara Marques (2008). *Português Europeu Língua Não-Materna a Distância: (Per)Cursos de Iniciação Baseados em Tarefas*, Doutoramento em Estudos Portugueses, Especialidade: Língua Portuguesa – Comunicação e Tecnologias, Lisboa: Universidade Aberta.
- Duarte, Inês (1987). *A Construção de Topicalização na Gramática do Português. Regência, Ligação e Condições sobre Movimento*. Tese de Doutoramento, Universidade de Lisboa.
- Hajek, John; Catharina Williams-van Klinken and Rachel Nordlinger (2002) *Tetun Dili: a Grammar of an East Timorese Language*. Camberra: Pacific Linguistics.
- Hajek, John e Alexandre Vital Tilman (2008). *East Timor*, Victoria (Australia): Lonely Planet Phrasebooks, 2nd edition.
- Hull, Geoffrey (1998) The languages of Timor 1772-1997: a literature review. In *Studies in Languages and Cultures of East Timor*, 1, 1 –38.
- Hull, Geoffrey (s/d). *Manual de Língua Tétum para Timor-Leste*, Austrália: Sebastião Aparício de Silva Project for the Protection and Promotion of East Timorese Languages.
- Hull, Geoffrey ([1993] 2003). *Mai Kolia Tetun. A beginner’s Course in Tetum-Praça The Lingua Franca of East Timor*. Austrália: Sebastião Aparício de Silva Project for the Protection and Promotion of East Timorese Languages, edição revista, 2003.
- Hull, Geoffrey & Lance Eccles (2005) *Gramática da Língua Tétum*, Tradução portuguesa, Lisboa: Lidel.
- Leiria, Isabel (2007) *Léxico: Aquisição e Ensino do Português Europeu Língua não materna*, Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian e FCT (Dissertação de doutoramento, Lisboa: FLUL, 2001)
- Mateus, Maria Helena Mira *et al.* (2003) *Gramática da Língua Portuguesa*, Lisboa: Caminho, 5^a edição.
- Santos, Ana Sofia Rodrigues dos (2009) *O Ensino da Língua Portuguesa em Timor-Leste: o Método Português em Timor e a importância do Tétum (L1) na Aquisição do Português (L2)*, Dissertação de Mestrado em Ensino do Português como L2 e LE, FCHS da Universidade Nova de Lisboa. Disponível em : http://cvc.instituto-camoes.pt/conhecer/biblioteca-digital-camoes/cat_view/118-dissertacoes-e-teses.html
- Thomaz, Luís Filipe Reis (2002) *Babel Loro Sa’e - O Problema Linguístico de Timor-Leste*, Lisboa: Instituto Camões.